

VIA TEOLÓGICA

Volume 26 – Número 52 – dez./2025
ISSN 2526-4303

O ESPORTE COMO ESPAÇO DE MEDIÇÃO DA MISSÃO DA IGREJA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

SPORT AS A SPACE FOR MEDIATING THE MISSION OF
THE CHURCH IN CONTEMPORARY SOCIETY

Dilson Carlos Kleinhans
Dr. Adriano Sousa Lima



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

O ESPORTE COMO ESPAÇO DE MEDIÇÃO DA MISSÃO DA IGREJA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

SPORT AS A SPACE FOR MEDIATING THE MISSION OF THE CHURCH IN CONTEMPORARY SOCIETY

Dilson Carlos Kleinhans¹

Dr. Adriano Sousa Lima²

1 Mestrando em Teologia pela Faculdades Batista do Paraná, Bacharel em Teologia pela Faculdades Batista do Paraná, membro do grupo de pesquisa-atuação da Linha de Pesquisa 2. E-mail: dilson@amsiao.org.br, <http://lattes.cnpq.br/3308219743602222>.

2 Doutor em Teologia e professor no programa de Pós-Graduação em Teologia da FABAPAR. E-mail: professor.adriano@fabapar.com.br

RESUMO

Este artigo analisa a relação entre o esporte e a missão da Igreja a partir de uma perspectiva teológica, histórica e sociocultural, fundamentada no conceito de Missão Integral. Parte-se da compreensão do esporte como fenômeno sociocultural de grande alcance e potencial transformador, capaz de mobilizar indivíduos e comunidades para além dos espaços eclesiais tradicionais. Nesse contexto, o esporte é apresentado como linguagem universal e ferramenta legítima para o testemunho cristão, a promoção da justiça social e a construção de vínculos comunitários, especialmente em contextos urbanos e de vulnerabilidade social. O estudo revisita a evolução do conceito de missão cristã, evidenciando a superação da dicotomia entre evangelização e ação social, desde o cristianismo primitivo, passando pela Reforma Protestante, pelo Evangelho Social, pela Teologia da Libertação e pela Missão Integral, articulada no Pacto de Lausanne. Além disso, examina-se a trajetória da teologia cristã acerca do corpo, destacando a valorização progressiva da corporeidade como dimensão constitutiva da espiritualidade e da prática missionária. À luz dessas reflexões, o artigo sustenta que o esporte, quando integrado de forma intencional e ética à ação eclesial, pode expressar concretamente as dimensões da adoração, proclamação e justiça social, contribuindo para a formação integral do ser humano e para a encarnação do Evangelho na realidade contemporânea. Conclui-se que a inserção do esporte na missão da Igreja não constitui apenas uma estratégia pastoral, mas uma expressão coerente da *Missio Dei*, comprometida com a dignidade humana e a transformação das realidades sociais.

PALAVRAS-CHAVE:

Esporte e Igreja. Missão Integral. Teologia do Corpo. Ação Social Cristã.

ABSTRACT

This article analyzes the relationship between sport and the mission of the Church from a theological, historical, and sociocultural perspective, grounded in the concept of Integral Mission. It adopts an understanding of sport as a sociocultural phenomenon of wide reach and transformative potential, capable of mobilizing individuals and communities beyond traditional ecclesiastical spaces. In this context, sport is presented as a universal language and a legitimate tool for Christian witness, the promotion of social justice, and the building of community bonds, especially in urban settings and contexts of social vulnerability. The study revisits the evolution of the concept of Christian mission, highlighting the overcoming of the dichotomy between evangelization and social action—from early Christianity through the Protestant Reformation, the Social Gospel, Liberation Theology, and Integral Mission, as articulated in the Lausanne Covenant. In addition, it examines the trajectory of Christian theology regarding the body, emphasizing the progressive appreciation of corporeality as a constitutive dimension of spirituality and missionary practice. In light of these reflections, the article argues that sport, when intentionally and ethically integrated into ecclesial action, can concretely express the dimensions of worship, proclamation, and social justice, contributing to the integral formation of the human person and to the embodiment of the Gospel in contemporary reality. It concludes that the incorporation of sport into the mission of the Church is not merely a pastoral strategy, but a coherent expression of the *Missio Dei*, committed to human dignity and the transformation of social realities.

KEYWORDS:

Sport and Church. Integral Mission. Theology of the Body. Christian Social Action.

INTRODUÇÃO

O esporte se configura como um relevante fenômeno sociocultural, capaz de mobilizar amplamente a sociedade. Sua presença se manifesta de forma constante no dia a dia das pessoas, seja nas práticas cotidianas, nas interações sociais ou no consumo midiático. A intensa visibilidade proporcionada pelos meios de comunicação, aliada à sua influência nos mais diversos contextos, como educação, saúde, economia e cultura, evidencia que o esporte ultrapassa os limites de uma simples prática corporal, assumindo um papel significativo na dinâmica social contemporânea (TUBINO, 2008, p. 29).

Para a Igreja, essas características representam uma oportunidade para o cumprimento da sua missão, na medida em que possibilitam o encontro com pessoas e grupos muitas vezes distantes dos ambientes eclesiais tradicionais. O ambiente esportivo se torna, assim, um espaço legítimo de testemunho cristão, de promoção da paz, da solidariedade e de experiências comunitárias que refletem os valores do Reino de Deus (CARMAN, 2000, p. 62). Iniciativas pastorais e missionárias que incorporam o esporte em suas práticas revelam significativo potencial de transformação social. Ao utilizar o esporte como ferramenta de aproximação, inclusão e desenvolvimento, essas ações demonstram eficácia, sobretudo em contextos urbanos, periféricos e em meio a populações juvenis, frequentemente marcadas por vulnerabilidades sociais, econômicas e culturais.

I. A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE MISSÃO CRISTÃ: DA EVANGELIZAÇÃO À RESPONSABILIDADE SOCIAL

A definição do conceito de missão constitui uma das questões mais cruciais no campo da missiologia. Afinal, o que se deve entender por missão cristã? Quais são a natureza, os objetivos e os fundamentos da missão da igreja? Essas perguntas têm sido objeto de intensos debates ao longo da história, recebendo diferentes respostas a partir de variados pressupostos teológicos, contextos culturais e compromissos eclesiológicos. No entanto, nas últimas décadas, esse debate tem sido ressignificado, sendo mais comum a compreensão da missão como uma ação que integra evangelização e responsabilidade social. De modo geral, há um consenso crescente entre diversos autores, como René Padilla, John Stott e Leonardo Boff, de que a missão da igreja deve ser compreendida de forma integral, abrangendo três dimensões fundamentais: adoração a Deus, proclamação do evangelho e promoção da justiça social. Essa compreensão implica reconhecer que a missão vai além da dimensão espiritual, estendendo-se ao cuidado com a dignidade humana, à defesa dos direitos dos mais vulneráveis e à transformação das realidades sociais, políticas e econômicas.

Desde os primórdios, o cristianismo preocupa-se com a promoção da dignidade humana e revitalizou a vida nas cidades greco-romanas, ao proporcionar novas normas e modalidades de relacionamentos capazes de fazer frente a graves problemas sociais. Enquanto a cultura da época tratava os marginalizados como um erro moral, legitimando sua exclusão, a fé cristã introduziu uma nova perspectiva, fundamentada na solidariedade, na dignidade e no amor ao próximo. Ao ensinar que todos são irmãos, independentemente de raça, cultura ou classe social, o cristianismo contribuiu para a redução progressiva da marginalização e para o fortalecimento de práticas assistenciais e de cuidado com os mais vulneráveis (STARK, 2006, p. 180).

A Reforma Protestante do século XVI manteve essa tradição cristã, da presença forte na área social. Os protestantes deram uma contribuição adicional nesse campo com novas ênfases teológicas, pois

a insatisfação social e a premência de mudanças no fator social fundamentaram a irrupção da Reforma (CAIRNS, 1995, p. 227). Reformadores como Lutero e Calvino escreveram sobre temas de pobreza, as implicações sociais do evangelho e a atuação da igreja na sociedade. Gerações posteriores de protestantes se destacaram por sua atuação na área social, como o Pietismo, um movimento de renovação do luteranismo ocorrido no final do século XVII e que influenciou outros movimentos de avivamentos na Europa e Estados Unidos, nos séculos XVII e XIX. Esses movimentos resultaram nos esforços em favor das populações carentes e dos trabalhadores, quando orfanatos, hospitais, asilos e outros órgãos foram organizados para atender as necessidades de pobres, marginais e doentes (CAIRNS, 1995, p. 401).

No final do século XIX e início do século XX, surge nos Estados Unidos um movimento teológico que ficou conhecido como Evangelho Social, tendo como principal representante o pastor batista Walter Rauschenbusch (1861-1918). O movimento foi diretamente influenciado pela dura realidade social vivenciada por trabalhadores, operários e imigrantes, que enfrentavam condições de extrema exploração, pobreza, desigualdade e marginalização nas grandes cidades industriais norte-americanas e surge como uma resposta cristã a esse contexto de injustiça social, buscando alinhar a fé cristã às demandas concretas da sociedade (ALVES, 2005, p. 316). O Evangelho Social fundamenta-se na convicção de que a fé não pode se restringir à esfera espiritual e individual, mas deve se materializar na promoção da justiça, na defesa da dignidade humana e na transformação das estruturas sociais.

O Evangelho Social identifica o Reino de Deus com a ordem social deste mundo e, neste caso, o homem não é pecador inato e a redenção é proveniente da consciência dos males sociais (BERNARDO; MORAES, 1998, p. 22). Essa perspectiva reflete uma compreensão na qual a transformação espiritual está intrinsecamente ligada à superação das mazelas sociais, econômicas e culturais, propondo, portanto, um cristianismo engajado na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e solidária e enfatiza que a redenção não se limita à salvação da alma, mas deve ser também experimentada nas relações sociais, econômicas e políticas, por meio da atuação ética e solidária dos cristãos.

A partir da década de 1960, a problemática social passou a ganhar maior visibilidade na América Latina, impulsionada pelo agravamento das desigualdades, pela concentração de renda e pelas estruturas sociais excludentes presentes no continente. Nesse contexto, surge a Teologia da Libertação, no cenário da Igreja Católica, como uma resposta teológica, ética e pastoral às contradições existentes entre a fé cristã professada pela maioria da população e a realidade marcada pela miséria, opressão e injustiça social, que “encontrou seu nascedouro na fé confrontada com a injustiça feita aos pobres” (BOFF, 2010, p. 14). Para os teólogos da Libertação, a condição de pobreza e marginalização não é fruto do acaso, mas de processos históricos, políticos e econômicos que violam a dignidade humana e contrariam os princípios do Evangelho. Essa realidade é, portanto, uma afronta a Deus, que, segundo a perspectiva bíblica, se posiciona de forma incondicional, amorosa e solidária ao lado dos pobres, dos oprimidos e daqueles cujos direitos fundamentais são sistematicamente negados.

A Igreja Católica em todo o continente latino-americano precisou rever suas estruturas, sua linguagem e o conteúdo da sua missão para responder mais efetivamente às necessidades dos fiéis. Os Estudos da CNBB 108 (2016, p. 12) dizem que é preciso “repensar profundamente e relançar com fidelidade e audácia a missão da Igreja nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais”, desempenhando um ministério de contato com a comunidade, em serviço espontâneo e adequado a cada situação. Esse entendimento é de uma urgência na comunicação qualificada da Igreja e as preocupações com a atual situação midiática, para o cumprimento da sua missão.

Na década de 1970 surge o movimento evangélico latino-americano denominado Missão Integral, com um conceito de missão ao mesmo tempo bíblico e evangélico, mas sensível às complexas realidades

espirituais, políticas, sociais e econômicas da América Latina. Os teólogos desse movimento tiveram uma destacada atuação no Congresso Internacional de Evangelização Mundial, realizado em Lausanne, na Suíça, no ano de 1974. Os participantes desse congresso aprovaram um documento conhecido como “Pacto de Lausanne”. O Pacto de Lausanne, especialmente em suas declarações sobre “A Natureza da Evangelização” e “A Responsabilidade Social Cristã”, foi amplamente acolhido no meio cristão, por sua capacidade de articular missão e compromisso social. De modo particular, o documento sobre responsabilidade social afirma que a evangelização e o envolvimento sociopolítico são ambas partes integrantes do dever cristão, reconhecendo que a proclamação do evangelho não pode ser dissociada do compromisso ético e transformador com a sociedade (STOTT, 2005, p. 37).

Para esclarecer melhor a relação entre evangelização e responsabilidade social, houve um congresso no ano de 1982, em Grand Rapids, Michigan, EUA, para refletir sobre a relação entre a fé cristã e a ação social, declarando que a ação social está intrinsecamente ligada à evangelização. Primeiramente, ela é consequência da pregação, pois o novo nascimento em Cristo gera transformação e prática de solidariedade, fundamentada nos ensinamentos de Jesus sobre justiça e amor (Mt 7.12; Jo 15.4; At 10.38). Além disso, a ação social também é meio para a evangelização, pois abre portas para o anúncio do evangelho, como fez o próprio Jesus ao praticar obras de misericórdia antes de pregar. Por fim, ela se concretiza na evangelização, visto que, no ministério de Jesus, proclamação e serviço sempre caminharam juntos, alimentando, curando, ensinando e anunciando o Reino de Deus (KIVITZ, 2007, p. 27-28).

Na visão do movimento, por muito tempo, a missão da igreja foi reduzida a uma atividade puramente espiritual, ignorando as realidades econômicas, políticas e sociais que oprimem milhões. A Missão Integral surge como reação a essa dicotomia, reafirmando que Deus se importa com o ser humano em sua totalidade (PADILLA, 2014, p. 39). Ela rompe com a separação entre evangelização e ação social, reafirmando que a missão da igreja é cuidar do ser humano em sua totalidade, corpo, alma, mente e relações sociais. Assim, a Missão Integral reconhece que Deus não apenas deseja a salvação espiritual, mas também a restauração da dignidade, da justiça e da paz, refletindo os valores do Reino de Deus de forma concreta na história. É tanto proclamação quanto serviço, tanto anúncio da graça redentora quanto prática da justiça, expressando o amor de Deus de maneira encarnada, solidária e comprometida com a vida.

Essa parceria da ação social com a evangelização se aplica tanto ao cristão individualmente, como à igreja local. Na perspectiva bíblica, cada cristão recebe um dom e um chamado diferente, que o habilitam a concentrar-se em ministérios específicos, assim como os Doze foram chamados para um ministério pastoral e os Sete para um ministério social (At 6.1,7). O mesmo acontece com relação à igreja local, pois as necessidades de cada comunidade são muitas e variadas. Sendo assim, a igreja local deve se organizar para atender uma porção de diferentes desafios visando atingir a comunidade (STOTT, 2005, p. 38). A igreja não pode ignorar a realidade social perversa na qual ela está inserida. Ela necessita cumprir sua missão, sob pena de trair a proposta restauradora do reino de Deus.

A Missão Integral da igreja é ser um sinal visível da presença do Reino de Deus em meio aos anseios por uma sociedade mais humana e justa. O desafio da igreja não é em primeiro lugar o contraste entre crença e descrença, mas entre o humano e o não humano. A igreja existe para os outros, por isso o mundo tem que determinar sua agenda; a igreja tem que ser convertida para o mundo, ela não existe para si mesma ou para os seus fiéis, mas para o mundo. Somente assim a igreja estará em condições de se tornar um dado credível na comunidade e ainda em sua pregação de amor. A igreja deve engajar-se em toda iniciativa verdadeiramente humana e real para transformar a sociedade, atuando consciente e criticamente a favor da dignidade humana (OFTESTAD, 2006, p. 25). A responsabilidade da igreja é desempenhar um ministério de contato com a comunidade em serviço missionário adequado a cada situação.

A missão da Igreja e a vida humana estão entrelaçadas aos desígnios de Deus, portanto, a salvação deve transformar o indivíduo na totalidade e conduzir a uma responsabilidade pessoal e social diante de Deus, para com sua criação (PADILLA, 2014, p. 16). A Missão Integral está intrinsecamente relacionada tanto à condição humana quanto ao conceito teológico da Missão Dei, que expressa a missão originada em Deus e conduzida por Ele na história. Nesse sentido, a missão da igreja não se limita à proclamação verbal do evangelho, mas abrange todo o ser humano em sua totalidade, espiritual, social, emocional e física. Assim, o indivíduo é chamado a alinhar sua existência aos propósitos divinos, encontrando sentido, direção e plenitude na vivência dos valores do Reino de Deus.

À luz do Pacto de Lausanne, a missão da igreja deixa de ser compreendida unicamente como um movimento voltado para o crescimento numérico de comunidades locais ou como uma teologia centrada na expansão institucional. Supera-se, assim, a ideia reducionista de que a eficácia da ação de Deus no mundo pode ser mensurada exclusivamente pela quantidade de igrejas plantadas ou pelo aumento de membros. A Missão Integral é uma prática, uma atitude em relação à ação da Igreja no mundo (ZABATIERO, 2018, p.16). A missão cristã não pode ser fragmentada ou reduzida a aspectos exclusivamente espirituais, nem tampouco restrita à assistência social isolada, mas comprometida com uma visão ampla e holística, que responde às necessidades espirituais, materiais, emocionais e sociais dos indivíduos e das comunidades, refletindo o amor de Deus de maneira concreta e encarnada na história.

A missão cristã, ao longo da história, tem sido constantemente resignificada, adaptando-se aos desafios socioculturais de cada época. A partir desse processo, surge a Missão Integral, que supera a dicotomia entre evangelização e ação social, propondo uma missão que atende ao ser humano de forma integral, espiritual, emocional, social, econômica e cultural. Inspirada no Pacto de Lausanne, essa abordagem entende que a igreja deve ser um sinal do amor de Deus no mundo, comprometida tanto com a proclamação do evangelho quanto com a transformação das estruturas injustas. A Missão Integral não é apenas uma estratégia eclesial, mas uma expressão concreta da Missão Dei, na qual a igreja é chamada a participar ativa e responsabilmente do projeto de Deus para a humanidade, a redenção integral, que abrange tanto a reconciliação espiritual quanto a transformação social, econômica, política e cultural.

O esporte se conecta diretamente à visão da Missão Integral ao integrar três dimensões fundamentais: adoração, proclamação e justiça social. Na dimensão da adoração, o uso do corpo e das práticas esportivas para glorificar a Deus reafirma que toda a vida é culto (Rm 12.1), transformando o esporte em espaço de reconhecimento da graça divina nos dons humanos, na disciplina e na convivência. No aspecto da proclamação, o ambiente esportivo se mostra fértil para o testemunho e o anúncio do evangelho, pois cria vínculos, aproxima pessoas e abre portas para a partilha da fé de maneira contextualizada e relacional. Já na dimensão da justiça social, o esporte, quando organizado pela igreja, promove inclusão, dignidade e oportunidade a crianças, adolescentes e famílias em situação de vulnerabilidade, constituindo-se como prática concreta de solidariedade, cuidado e transformação das realidades sociais, prevenindo a marginalização e fortalecendo a comunidade.

2. A VISÃO DA IGREJA SOBRE O CORPO

Nos primeiros séculos da era cristã, a Igreja desenvolveu sua teologia corporal em um mundo fortemente marcado pela cultura greco-romana, onde o corpo era exaltado nas artes, na filosofia e especialmente nas práticas esportivas. Os jogos públicos, como as Olimpíadas gregas e os espetáculos romanos, revelavam uma cultura que glorificava o vigor físico e o desempenho corporal, muitas vezes em contextos ligados

à idolatria, competição extrema e violência. Nesse ambiente, a Igreja propôs uma visão alternativa: uma antropologia que valoriza o corpo como criação de Deus, mas orientada à ética, à santidade e à vida em comunhão com Deus e com o próximo (CARMO JUNIOR, 2005, p. 37).

O pensamento judaico, base do cristianismo, via o corpo como parte integral da pessoa, valorizando sua função no serviço a Deus e na vida cotidiana. Diferente da cultura greco-romana, que exaltava o corpo como ideal de perfeição física nos esportes e ginásios, mas ao mesmo tempo o desprezava filosoficamente por meio do dualismo platônico, o cristianismo primitivo buscou equilibrar essas visões, integrando corpo e espírito de forma relacional e escatológica. A teologia cristã primitiva, especialmente nos escritos do apóstolo Paulo, ensinava que o corpo é templo do Espírito Santo e deve ser cuidado com respeito e moderação, evitando tanto a idolatria quanto o desprezo. Em contraste com os espetáculos esportivos pagãos marcados por vaidade e sensualidade, os cristãos adotaram práticas ascéticas para combater os excessos da cultura romana. Essa postura refletia a tensão entre valorizar o corpo como criação divina e resistir às expressões corporais associadas ao paganismo (BROWN, 1990, p. 38).

Diante do culto ao corpo predominante na cultura greco-romana, muitos cristãos adotaram práticas ascéticas como jejum, celibato e mortificação do corpo. A intenção não era rejeitar a criação divina, mas combater os excessos e a sensualidade desregrada que marcavam os espetáculos públicos e os esportes competitivos da época. Essa postura gerava tensão entre a valorização cristã do corpo e a necessidade de resistir às formas pagãs de expressão corporal. Diversos autores cristãos dos primeiros séculos, como Tertuliano e Cipriano, condenaram os jogos públicos, especialmente as lutas de gladiadores, pelas suas ligações com a idolatria, violência e degradação moral (LECLERCQ, 2012).

Na Idade Média, a Igreja desenvolveu uma visão do corpo marcada pela tensão entre sua valorização espiritual e a necessidade de disciplina. Influenciada pela tradição patrística e pelo contexto cultural cristão da Europa, o corpo era visto como campo de batalha entre virtudes e paixões. A espiritualidade medieval enfatizou a autodisciplina corporal, como jejuns, castidade e penitências, entendida como meio de purificação e comunhão com Deus, especialmente nos ambientes monásticos, onde o sofrimento físico era visto como participação na Paixão de Cristo (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 43). A teologia de Santo Agostinho influenciou a visão medieval do corpo, visto como criação boa de Deus, mas desordenado após a queda. Apesar do rigor ascético, o corpo era valorizado como meio de graça por meio da teologia sacramental (COPELSTON, 2021, p. 237).

A vida monástica medieval expressou de forma aguda a tensão entre corpo espiritual e corpo carnal. Inspirados por passagens paulinas, como Romanos 7 e 1 Coríntios 9, os monges viam o corpo como local onde se manifestavam tanto os desejos pecaminosos quanto as virtudes da graça. A luta contra a carne era uma batalha interior, em que a vigilância, a oração e o trabalho eram as armas espirituais. Essa contraposição, contudo, não implicava necessariamente uma rejeição do corpo, mas uma busca por sua purificação e consagração. O ideal monástico era tornar o corpo obediente ao espírito, moldado pela disciplina, pela contemplação e pelo amor a Deus.

A Reforma Protestante do século XVI representou uma ruptura significativa não apenas na teologia eclesiástica e soteriológica, mas também na compreensão antropológica do ser humano, especialmente no que se refere ao corpo. Em contraste com a tradição ascética predominante na Idade Média, os reformadores redescobriram a bondade da criação, incluindo o corpo humano, e propuseram uma espiritualidade mais integrada ao cotidiano. Lutero, Calvino e outros teólogos protestantes reafirmaram a unidade do ser humano como corpo e alma, dando nova dignidade às dimensões físicas da existência, como o trabalho, o casamento e a vida familiar (MCGRATH, 2007, p. 232). A Reforma valorizou a vida cotidiana como

expressão da vocação cristã, reconhecendo o corpo e o trabalho como meios legítimos de servir a Deus, em contraste com a visão medieval que exaltava apenas a vida monástica.

Martinho Lutero e João Calvino foram vozes centrais na reafirmação da unidade integral entre corpo e alma. Lutero, ex-monge agostiniano, rompeu com o celibato obrigatório e casou-se com Catarina de Bora, defendendo que o casamento era não apenas permitido, mas espiritualmente saudável. Para ele, o celibato forçado promovia repressão e hipocrisia, enquanto o casamento oferecia um contexto legítimo para o amor, a sexualidade e a parceria mútua (BAYER, 2007, p. 96). Calvino, por sua vez, via o ser humano como uma unidade psicofísica criada à imagem de Deus. Em sua *Instituição da Religião Cristã*, ele afirma: “não é a alma, mas o homem todo que foi criado à imagem de Deus” (CALVINO, 1559/2008, III.25.2). Sua teologia moral insistia que o corpo devia ser governado pelas virtudes cristãs, mas não negado ou mortificado. O ideal da vida cristã não consistia na renúncia à carne como algo impuro, mas na vivência ética e disciplinada do corpo como expressão da fé.

Ao contrário da espiritualidade medieval, centrada em jejuns, autoflagelações e votos de castidade, a espiritualidade reformada minimizou as práticas ascéticas extremas. Não se tratava de desprezar a disciplina do corpo, mas de eliminar a ideia de que ela, por si só, gerava méritos espirituais. A justificação pela fé, fundamento da Reforma, tornava desnecessário o esforço ascético como meio de salvação. Ainda assim, os reformadores mantiveram a compreensão bíblica de que o corpo é “templo do Espírito Santo” (1Co 6.19). Assim, o cuidado com o corpo, a moderação nos prazeres e a saúde física continuaram sendo valores importantes. O corpo deveria ser respeitado, não idolatrado, mas também não desprezado (Brown, 1990, p. 59).

A partir do século XVII, na Idade Moderna, o corpo passou a assumir um novo papel social e histórico. Os avanços científicos desse período contribuíram para a valorização das sensações humanas, como o tato, a visão, a audição, o olfato, o paladar e o movimento, promovendo um resgate do contato sensorial natural que, até então, havia sido reprimido. Nesse cenário, elementos como as cores, os sons e as formas passaram a expressar uma liberdade corporal antes limitada pela vigilância e repressão religiosas (CARMO JUNIOR, 2005, p. 68). A teologia cristã deste período passa a promover a reintegração do corpo à vida espiritual, pastoral e ética da Igreja, em oposição às tradições que o marginalizaram, fortalecendo a ideia de educação do corpo. Essa abordagem holística reconhece o corpo como parte essencial da identidade e missão cristã, pois corrigir os defeitos do corpo passou a significar também a correção dos defeitos da alma (RIGONI, 2016, p. 139).

Ao longo do século XX, diversas correntes teológicas buscaram recuperar a centralidade do corpo como categoria teológica, rompendo com uma tradição dualista que historicamente subordinava o corpo à alma ou o via como sede do pecado. Com a popularização das práticas esportivas, o cristianismo lançou uma nova perspectiva sobre o corpo e suas expressões e que antes era tido apenas como mero instrumento de trabalho e “morada do demônio”, passa a ser entendido como templo do Espírito Santo. As atividades físicas são reconhecidas então, como transmissoras de valores que dignificam o homem, estimulam a criatividade, proporcionam saúde, desenvolvem aptidões, proporcionam técnicas e meios de aprendizagem e conhecimentos necessários para seu bem-estar psico-físico-social (SÉRGIO, 1981, p. 121).

No catolicismo, a Teologia da Libertação, ao enfatizar a encarnação do Evangelho nas realidades sociais e históricas, incluiu a dimensão corporal das pessoas marginalizadas em sua proposta pastoral. O corpo sofrido, explorado e violentado torna-se não apenas objeto de compaixão, mas lugar de manifestação da graça libertadora de Deus. Como afirma Leonardo Boff, “não há espiritualidade cristã verdadeira que não passe pelo corpo, pelo pão, pela água, pelo abraço, pelo chão da vida” (BOFF, 2002, p. 71). A Teologia do Corpo, desenvolvida pelo papa João Paulo II, propõe uma visão profundamente cristológica e sacramental

da corporeidade. Para ele, o corpo humano é uma linguagem que comunica o amor e o dom de si, revelando a vocação relacional e sponsal do ser humano criado à imagem de Deus, e de fato, só ele, é capaz de tornar visível o que é invisível: o espiritual e o divino (JOÃO PAULO II, 2019, p. 44).

No meio protestante, surge uma teologia cristã que recusa a dicotomia entre corpo e alma, espiritual e material e valoriza a integralidade do ser humano, onde o evangelho é uma boa notícia para o homem todo, corpo, mente e espírito (PADILLA, 2009, p. 27). O corpo é entendido como parte da boa criação de Deus e como dimensão indispensável da missão cristã no mundo, visto como templo do Espírito Santo, chamado à santidade, mas também à ação no mundo, parte integrante da criação divina e não algo a ser desprezado. A encarnação de Cristo é a maior afirmação possível da dignidade do corpo. A valorização do corpo se estende também à prática ética. Uma espiritualidade madura envolve compromisso com o bem-estar físico do próximo, o cuidado com a saúde e a justiça social (STOTT, 2017, p. 75).

No campo da espiritualidade, observa-se uma crescente integração do corpo como expressão legítima da fé. Práticas como dança litúrgica, gestos simbólicos, orações corporais e atividades físicas voltadas ao bem-estar têm sido reabilitadas em muitos contextos cristãos, percepção tem encorajado uma espiritualidade mais encarnada, em que o corpo é instrumento de louvor, serviço e reconciliação e participa da oração, da celebração e do testemunho (ALVES, 2005, p. 78). Essa perspectiva está em sintonia com a compreensão de que a espiritualidade cristã está intrinsecamente ligada à experiência sensível do corpo, reconhecendo que a alma habita no corpo, e tudo o que afeta o corpo também atinge a alma e a alegria da alma é consequência da alegria do corpo.

A trajetória da teologia cristã em relação ao corpo é marcada por tensões e transformações. Desde os primeiros séculos, a Igreja propôs uma visão que valoriza o corpo como criação divina, distinta da cultura greco-romana. Na Idade Média, predominou uma espiritualidade ascética, enquanto a Reforma Protestante resgatou a dignidade do corpo no cotidiano. Com a modernidade, o corpo foi redescoberto em sua dimensão sensível, influenciando novas abordagens teológicas. No século XX, teologias como a da Missão Integral e da Libertação reafirmaram a integralidade do ser humano, valorizando o corpo como expressão da espiritualidade e da missão cristã. Hoje, a teologia busca integrar fé e corporeidade, reconhecendo o corpo como lugar de graça, cuidado e testemunho.

3. ESPORTE, MISSÃO E AÇÃO SOCIAL

Em um mundo marcado por profundas desigualdades sociais, fragmentação comunitária e crescente desinteresse pelas instituições religiosas tradicionais, a missão da Igreja adquire novas exigências quanto à sua forma de presença e atuação. Cada época precisa ser vivida e enfrentada com disposição pelos diferentes atores e grupos sociais (CARVALHO, 2017, p. 283). Diante desses desafios, a Igreja é chamada a ressignificar suas práticas evangelísticas e sociais, adotando metodologias que dialoguem com a cultura contemporânea e respondam de forma concreta às demandas humanas em sua integralidade. Nesse contexto, o esporte desponta como uma linguagem universal, capaz de promover inclusão, diálogo, formação de valores e experiências de convivência que favorecem a construção de vínculos e o testemunho cristão.

O esporte, com sua linguagem universal e acessível, possui um notável potencial de unir pessoas, quebrar barreiras sociais e promover valores essenciais à convivência humana. Quando inserido na missão da Igreja, ele deixa de ser apenas uma prática recreativa para tornar-se um instrumento de aproximação, serviço e transformação social. A missão cristã, compreendida em sua dimensão integral, abrange tanto o anúncio do Evangelho quanto o compromisso com a dignidade da pessoa e a justiça (STOTT, 2007, p. 37).

Nessa perspectiva, o esporte se revela como um espaço legítimo de discipulado, acolhimento e construção de vínculos comunitários.

Diante das estatísticas e projeções que indicam o acelerado crescimento das populações urbanas, torna-se urgente que as igrejas repensem suas estratégias e redefinam sua agenda missiológica. Os contextos urbanos, com suas dinâmicas complexas e desafios multifacetados, impõem novas exigências à atuação da Igreja, que precisa estar sensível à realidade da “fadiga do ser humano urbano”, marcada pelo estresse, pelo isolamento, pela sobrecarga emocional e pela fragmentação dos vínculos comunitários. Nesse cenário, a urbanidade requer metodologias inovadoras e estratégias contextualizadas que promovam acolhimento, sentido de pertencimento e cuidado integral e ressignificação dos espaços físicos disponíveis, utilizando-os de forma criativa para atividades diversas, dentre elas, as esportivas (BARRO, 2000, p. 12).

Projetos esportivos desenvolvidos por igrejas e organizações cristãs, quando intencionais e fundamentados em princípios do Reino de Deus, têm alcançado populações em situação de vulnerabilidade social, oferecendo não apenas atividades físicas, mas oportunidades concretas de crescimento moral, emocional e espiritual. O contexto esportivo é um meio eficaz para quebrar paradigmas com essas comunidades e um ambiente adequado para a manifestação do amor de Deus de forma encarnada, por meio do cuidado, da presença e da convivência solidária (Flores, 1999, p. 9). A natureza relacional, lúdica e dinâmica do esporte o torna especialmente eficaz na evangelização e formação de crianças, adolescentes e jovens, sobretudo em contextos marcados por pobreza, violência, evasão escolar e ausência de perspectivas. Sua linguagem acessível e espontânea favorece a integração e promove valores alinhados ao evangelho e à ação social cristã.

A presença da Igreja no contexto urbano traz consigo diversas preocupações e desafios. Nesse cenário, ela é chamada a viver em constante atitude missionária, sendo espaço de iniciação à vida cristã, de convivência entre comunidades e de promoção da vida plena para todos. Essas dimensões não são propostas isoladas, mas expressam uma única e essencial direção: a de que toda a Igreja, hoje, deve se reconhecer em missão permanente (GRENZER; IWASHITA, 2012, p. 176). Como aspectos interdependentes de um mesmo compromisso, essas prioridades precisam ser assumidas de forma integrada. Ao incorporar o esporte como expressão de sua missão, a Igreja amplia sua presença no cotidiano das comunidades, indo ao encontro das pessoas com aquilo que é significativo em suas realidades. Nesses contextos, o testemunho da fé não se limita à palavra falada, mas se concretiza no serviço, na escuta ativa e na edificação de relacionamentos transformadores.

O esporte atua como um agente transformador do ambiente social e da formação humana. Quando integrado ao ensino bíblico, torna-se um poderoso instrumento de restauração pessoal e comunitária, produzindo frutos que transcendem o desempenho atlético e alcançam todas as dimensões da vida. No entanto, é fundamental que a atuação da Igreja nesse campo seja orientada por princípios éticos e por uma compreensão profunda de sua missão (SILVA, 2019, p. 83). A prática esportiva não deve ser guiada por resultados imediatos ou pela lógica do entretenimento, mas por um compromisso autêntico com a justiça, a formação integral do indivíduo e a coerência do testemunho cristão. Portanto, requer mais do que a realização de eventos: exige presença constante, escuta atenta, perseverança e um amor que transforma realidades.

Diante do reconhecimento do esporte como um poderoso mobilizador e agente de transformação social, a Igreja é desafiada a considerar e refletir sobre a sua utilização como uma possibilidade do cumprimento da sua missão, usando a sua linguagem esportiva universal, não apenas para promover o cuidado físico e o lazer, mas também na comunicação do evangelho. O esporte, por si só, não garante transformação, mas, quando articulado a uma proposta pedagógica e espiritual coerente, ele se torna um instrumento de serviço

e ações missionárias. Este pode ser um aspecto facilitador para a transmissão da mensagem bíblica com uma linguagem evangelizadora contextualizada.

A Igreja que se dispõe a escutar as demandas do seu entorno e a responder com criatividade e compromisso ao sofrimento humano encontra, no esporte, um meio eficaz de encarnar o Evangelho e de promover a restauração da vida em sua totalidade. Por sua natureza relacional, dinâmica e acessível, o esporte oferece múltiplas possibilidades de aproximação com a sociedade, favorecendo a construção de novos vínculos entre a fé cristã e a realidade social. Considerando que as necessidades de cada comunidade são distintas, cabe à igreja local discernir e utilizar essa ferramenta com sabedoria e sensibilidade, de modo a enfrentar os diversos desafios presentes em seu contexto, servindo com relevância, amor e intencionalidade missionária (OFTESTAD, 2006, p. 27).

Ao se compreender que o esporte reproduz as relações sociais vigentes, entende-se que a história do esporte é íntima da cultura humana e seu estudo favorece o conhecimento da vida em sociedade, o que é de grande importância para que a igreja possa usar destas ferramentas com sabedoria. A implantação de um ministério esportivo pode ser uma oportunidade para a igreja criar vínculos com a comunidade local, adequando estrategicamente a sua mensagem sem, no entanto, empobrecer a proposta cristã de salvação e de transformação integral das pessoas e sem comprometer seus princípios (SILVA, 2019, p. 84). A combinação entre esporte, discipulado e ação social é uma via eficaz de transformação social e expansão do Reino de Deus.

A relação entre esporte, missão e ação social se apresenta como um caminho oportuno para a atuação da Igreja em contextos urbanos marcados por desigualdade, fragmentação e novos desafios culturais. Ao reconhecer o esporte como linguagem universal e instrumento legítimo de inclusão, discipulado e transformação, a Igreja amplia sua capacidade de diálogo com a sociedade e ressignifica sua presença no cotidiano das comunidades. Essa abordagem compreende o ser humano em sua totalidade e propõe uma evangelização que vai além do discurso, envolvendo práticas concretas de cuidado, justiça e promoção da vida.

A inserção estratégica e intencional do esporte nas ações da igreja exige discernimento, sensibilidade e compromisso com princípios bíblicos, evitando tanto a superficialidade quanto a instrumentalização. Trata-se de uma oportunidade para a Igreja viver sua vocação missionária de forma encarnada, servindo com criatividade e relevância às demandas do tempo presente. Assim, o esporte não apenas fortalece os vínculos entre fé e sociedade, mas também contribui para a edificação de comunidades mais justas, solidárias e abertas ao Reino de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso desenvolvido neste estudo evidencia que o esporte, enquanto fenômeno sociocultural de ampla capilaridade, possui significativo potencial para o cumprimento da missão da Igreja no contexto contemporâneo. Longe de se restringir a uma prática corporal ou recreativa, o esporte revela-se um espaço privilegiado de encontro, diálogo e construção de vínculos, capaz de aproximar a Igreja de indivíduos e grupos historicamente distantes dos ambientes eclesiais tradicionais. Nesse sentido, sua inserção na ação pastoral e missionária configura-se como uma possibilidade concreta de testemunho cristão, promoção da dignidade humana e engajamento transformador na realidade social.

A análise histórica e teológica da evolução do conceito de missão cristã demonstra que a compreensão integral da missão, articulando evangelização e responsabilidade social, não constitui uma ruptura com a tradição cristã, mas um aprofundamento coerente de seus fundamentos bíblicos e teológicos. Desde o cristianismo primitivo, passando pela Reforma Protestante, pelo Evangelho Social, pela Teologia da Libertação e pela formulação da Missão Integral no contexto latino-americano, observa-se um movimento contínuo de superação da dicotomia entre fé e vida, espiritualidade e compromisso social. À luz do Pacto de Lausanne e do conceito de *Missio Dei*, a missão da Igreja é reafirmada como participação ativa na ação redentora de Deus na história, voltada à transformação integral do ser humano e das estruturas sociais.

Nesse horizonte, a reflexão sobre a teologia cristã do corpo ocupa papel central. A trajetória histórica apresentada revela uma progressiva valorização da corporeidade como dimensão constitutiva da espiritualidade e da prática missionária. O corpo, compreendido como criação de Deus e templo do Espírito Santo, deixa de ser visto como obstáculo à fé para tornar-se lugar de graça, serviço e testemunho. Essa compreensão oferece sólido fundamento teológico para a inserção do esporte na missão da Igreja, reconhecendo-o como espaço legítimo de expressão da fé, de formação ética e de cuidado integral da pessoa.

A articulação entre esporte, missão e ação social, especialmente em contextos urbanos marcados por desigualdade, vulnerabilidade e fragmentação comunitária, revela-se uma via pertinente e necessária para a atuação eclesial no tempo presente. Quando orientadas por princípios bíblicos, intencionalidade pedagógica e compromisso ético, as iniciativas esportivas promovidas pela Igreja podem contribuir de modo significativo para a inclusão social, o fortalecimento comunitário e a formação integral de crianças, adolescentes e jovens. Contudo, tais ações exigem discernimento pastoral, evitando tanto a instrumentalização do esporte quanto a superficialidade de práticas desvinculadas de uma proposta missionária coerente.

Conclui-se, portanto, que a inserção do esporte na missão da Igreja não deve ser compreendida apenas como estratégia pastoral ou recurso metodológico, mas como expressão concreta e encarnada da Missão Integral. Ao integrar adoração, proclamação e justiça social, o esporte torna-se um sinal visível do Reino de Deus em meio à realidade contemporânea, contribuindo para a edificação de comunidades mais humanas, solidárias e comprometidas com a transformação da vida em sua totalidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *Religião e Repressão*. São Paulo: Loyola, 2005.
- BARRO, Jorge Henrique. *Ações pastorais da igreja com a cidade*. Londrina: Descoberta, 2000.
- BAYER, Oswald. *A Teologia de Martinho Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- BERNARDO, Salovi; MORAES, Luiz Paulo de Lira (org.). *Ação social da igreja de Cristo*. Rio de Janeiro: JUERP, 1998.
- BÍBLIA. *Bíblia de Estudo NVI*. São Paulo: Vida, 2003.
- BOFF, Leonardo; BOFF, Clovis. *Como fazer teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. São Paulo: Zahar, 1990.
- CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

- CARMAN, Rob. *Campeões não nascem prontos, são feitos*. Belo Horizonte: Atos, 2000.
- CARMO Jr., W.do. *Dimensões filosóficas da educação física*. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 2005.
- CARVALHO, César Moisés. *Pentecostalismo e Pós-Modernidade: quando a experiência sobrepõe-se à Teologia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- CNBB. *Missão e Cooperação Missionária: orientações para a animação missionária da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2016.
- COPLESTON, Frederick. *Uma história da Filosofia*. São Paulo: Vide, 2021.
- FLORES, Enrique Roberto. *O esporte e o novo homem*. Londrina: Universal, 1999.
- GRENZER, Mathias; IWASHITA, Pedro K. (org). *Teologia e Cultura: a fé cristã no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- JOÃO PAULO II. *Teologia do Corpo: o amor humano no plano divino*. Campinas: Ecclesiae, 2019.
- KIVITZ, Ed René. *Quebrando paradigmas*. São Paulo: Abba Press, 2007.
- LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LECLERCQ, Jean. *O amor das letras e o desejo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2012.
- MCGRATH, Alister E. *Teologia histórica: uma introdução à História do Pensamento Cristão*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- OFTESTAD, Alf B. *Vivendo diaconia: edificando a igreja através do cuidado pessoal e social*. Curitiba: Encontro, 2006.
- PADILLA, René. *Missão Integral: o Reino de Deus e a Igreja*. Viçosa: Ultimato, 2014.
- PADILLA, René. *O que é Missão Integral*. Viçosa: Ultimato, 2009.
- RIGONI, Ana Carolina Capellini. Um breve ensaio sobre corpo e religião: relações e transformações ao longo da história. *Revista Ciências da Religião: história e sociedade*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 127-145, jan./jun. 2016.
- SERGIO, Manuel. *Filosofia das actividades corporais*. Lisboa: Compendium, 1981.
- SILVA, José Carlos da. Religião e esporte Contextualizando Igreja, Missão e Sociedade. *Revista Unitas*, Vitória, v. 7, n. 1, p. 63-84, 2019.
- STARK, Rodney. *O crescimento do cristianismo: um sociólogo reconsidera a história*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- STOTT, John. *A missão cristã no mundo*. São Paulo: Candeia, 2007.
- STOTT, John. *Cristianismo equilibrado*. Viçosa: Ultimato, 2017.
- STOTT, John. *Ouçã o espírito, ouçã o mundo*. São Paulo: ABU, 2005.
- TUBINO, Manoel. A cultura de paz, a educação física e o esporte. *FIEP Bulletin*. Rio de Janeiro: UNISUAM, 2008.
- ZABATIERO, J. P. T. *História e Teologia da Missão Integral*. Maringá: UniCesumar, 2018.